

Da Literatura ao Turismo – considerações no âmbito da América Latina

Maria de Lourdes Netto Simões*

RESUMO

São estabelecidas mediações entre a literatura e o turismo, tendo em vista a valorização do estético, a sustentabilidade da cultura e o desenvolvimento das comunidades. Inicialmente é considerado o lugar da América Latina na nova ordem mundial; em seguida, observado o trânsito da literatura ao turismo, no contexto global discutidas algumas inter-relações afro-latino-americanas; finalmente, são realizadas ponderações visando, através do turismo, uma política valorizadora dos bens simbólicos da América Latina.

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Turismo; Sustentabilidade.

Introdução

Ensejando a literatura, a fim de discutir alternativas culturais para um turismo que vise ao desenvolvimento, este texto procurará refletir sobre bens simbólicos, valor e mercado no âmbito dos países da América Latina. Potencializando a idéia de laço continental, a estratégia é considerar a **diferença** cultural de cada um desses países como elemento provocador de intercâmbios e trânsitos, de interesse a ações que visam a valorização da literatura e o turismo sustentável.

A reflexão basear-se-á no entendimento de nação, não mais como uma entidade política, mas enquanto “entidade simbólica”, como um sistema de representação cultural (Cf. ANDERSON, 1983). Visível nos patrimônios natural e cultural de cada território, a diferença (Cf. BHABHA, 1998) é o que vai singularizar as diversas nações: sua paisagem, suas narrativas, suas vivências, sua herança, seu imaginário. A idéia é de que, no espaço entre as identidades nacionais (Cf. HALL, 2000) e a multiculturalidade global, há a possibilidade de serem realizadas ações de turismo através das zonas de cruzamentos (cultura) e mesclas continentais (língua, arte, música). Para estabelecer as aproximações entre literatura e turismo, o estético é entendido “relacionado à função (ou mesmo à sua ausência) que a experiência do leitor pode ter como motivação para a ação posterior, função essa que o leitor realizou e que a ação expressiva do autor tornou possível em primeiro lugar” (GUMBRECHT, 1998, p. 35).

A partir dessas reflexões, tendo em vista a valorização do estético, a sustentabilidade da cultura e o desenvolvimento das comunidades, são discutidas formas de viabilização para um turismo cultural formatado a partir dos bens simbólicos, ensejados pela literatura. Inicialmente é considerado o lugar da América Latina na nova ordem mundial; em seguida, observado o trânsito da literatura ao turismo, no contexto global; discutidas algumas inter-relações afro-latino-americanas, com o foco na condição pós-colonial; finalmente, visando o turismo, são realizadas ponderações sobre diversidade cultural e desenvolvimento sustentável em relação a uma política valorizadora dos bens simbólicos da América Latina.

* Coordenadora do Grupo de Pesquisa ICER (Identidade Cultural e Expressões Regionais).

1. O lugar da América Latina na nova ordem mundial

O fenômeno da desterritorialização vem promovendo a reorganização do espaço social e político com o deslocamento da idéia de Estado-nação para a concepção de unidades supra-nacionais. De uma perspectiva global, o interesse é econômico e de política internacional, dos quais resultam os blocos mundiais: Mercosul, União Européia, Nafta, Alca, Tigres Asiáticos, etc (ZAIDANFILHO, 2001). De uma perspectiva cultural, a idéia de nação é a de um sistema de representação cultural, ultrapassando o foco político para o de bens simbólicos (ANDERSON, 1893). Entendendo da ótica de Anderson, a noção de fronteiras e limites políticos é ultrapassada. Já não é possível associar uma identidade estritamente a um espaço ou a um país; ou mesmo identificar um patrimônio como exclusivo de uma cultura. Isto porque, as identidades e as culturas são móveis. Deslocam-se, viajam, redefinem fronteiras. Muitos de seus componentes se originam em um território e migram, acentuando seus caracteres ou hibridando-se com a cultura receptora; a desterritorialização, no lugar de apagar ou esfumegar aspectos das culturas, na verdade, reafirmam-nos (Cf. PATIÑO, 2000).

Por compartilharem uma parte significativa de sua História, os países da América Latina constituem-se parceiros naturais na mobilização de seus bens culturais comuns, como capital para o desenvolvimento. Em postura pós-colonialista e de visão não hegemônica, tal entendimento sustenta a hipótese de bloco cultural latino-americano no qual podem ser identificadas zonas de cruzamentos culturais (inclusive com as origens africanas) e mesclas continentais (línguas portuguesa e espanhola), através dos bens simbólicos do patrimônio material (onde muito da história da colonização é traduzida nos monumentos) e imaterial (com especial relevo para as danças e a música) e dos bens naturais (notadamente os oceanográficos), que a literatura da Sul América ficcionaliza.

Na nova ordem mundial, o turismo constitui-se fenômeno de crescente interesse econômico, como também fator de desenvolvimento. Interessa para essas considerações discutir a sua ação de uma perspectiva que não secundarize o bem simbólico em favor do objetivo econômico, entendendo que não pode haver desenvolvimento sem sustentabilidade do patrimônio, seja ele natural ou cultural. Ainda, potencializar o multiculturalismo, enquanto integração de culturas locais, como agenciador para ações do turismo sustentável, onde a cultura Latino-americana não seja tragada pela transnacionalização e internacionalização do capital.

Como observa Dominguez “ampliar a autonomia política da região [...] exige governos baseados em alianças sociais qualitativamente distintas da atuais” (Dominguez, 2001, p. 105); exige a integração de bloco cultural para o fortalecimento das políticas de desenvolvimento. Laredo (2001, p. 117) diz que se “re-valorizamos o potencial que temos e aplicamos o modelo e a estratégia de integração adequados para redimensionar-mos e potenciarmos-nos, poderemos avançar progressivamente até o desenvolvimento e uma produtividade destinada não somente ao mercado externo, mas também a nosso incomensurável mercado interno, melhorando a qualidade de vida”. Assim, na consideração da nova ordem mundial, o global e o local devem ser tratados como complementares: o primeiro como ferramenta para a visibilidade do segundo.

2. Da literatura ao turismo no contexto global

Se entendermos que uma cultura é considerada como **local**, porque é compartilhada subjetivamente por uma dada comunidade, e que a **global** está diretamente relacionada ao

processo econômico, às mudanças tecnológicas e à universalização da informação, temos que, quanto à Literatura, é a sua recepção quem vai sinalizar as suas dimensões culturais em relação à globalização. O processo de tradução, editoração, divulgação, distribuição do livro vai viabilizar a mundialização do texto literário e levar o imaginário local para o universo global (por caminho virtual ou real).

Pensar formas de valorização da Literatura, visando ao turismo, é estratégia de fazer interagir o global-local, evitando cair no aspecto homogeneizador do global. É realizar o comparativismo, em consideração da perspectiva antropológico-social da cultura, sem descuidar da especificidade do valor estético da Literatura no contexto da diversidade cultural, do multiculturalismo e da globalização.

Tal estratégia pretende ser uma resposta possível à preocupação apresentada por tantos estudiosos (SARLO, 1997, 2002; RICHARD, 2002; HUYSSSEN, 2002, por exemplo) a respeito do lugar do estético nos julgamentos da arte e, mais especificamente da literatura: “como fazer justiça a suas variantes locais, suas traduções, sua tradutibilidade, seus múltiplos meios de transmissão, suas complexas misturas geográficas e temporais?” (HUYSSSEN, 2002, p. 16). Afigura-se como forma de resistência do local, inclusive, por ressaltar “as suas flexões temporais e espaciais [...] as profundas genealogias dos imaginários sociais coletivos que inevitavelmente moldarão sua relação com o global, que, por sua vez, sempre emerge em algum lugar e momento específicos na história” (HUYSSSEN, 2002, p. 17).

Operar o turismo através da literatura implica uma compreensão do funcionamento do mercado cultural no contexto globalizado. É forma de valorização do discurso literário e do bem simbólico local, que habita o imaginário ficcional. O bem simbólico, presente na literatura, é consubstancializado para o turista através do patrimônio cultural arquitetônico (material) e do imaterial (mitos, lendas, folclore, danças, música, culinária, hábitos de um povo) e, ainda, do patrimônio natural. Nesse caso, por essa ótica, a cultura sobrepõe-se ao mercado pois é ela quem dará o “tom” da relação entre local e global, entre cultura e turismo.

Nas ações de contexto local, o trato da literatura há que observar aspectos de reescrita, intertextualidade, identificação de bens simbólicos inscritos no texto ficcional (hábitos, costumes e tradições), através das estratégias narrativas singulares; fazer interagir várias disciplinas no corpo do texto literário: a história cultural e social, a antropologia, a crítica literária. Assim, com base no texto literário, e mesmo ultrapassando-o, provocar ou estabelecer discussões sobre gênero, imaginários urbanos, identidades e tradições.

Tais procedimentos além de valorizar a literatura junto à comunidade local, prepara-a (à comunidade) para receber o turista, porque promove a reflexão sobre a sua própria identidade. No âmbito internacional, a ação da mídia - fruto de definições político-sociais locais - sinalizará aspectos (diferenças) da cultura local para o possível viajante e motivam-no para o turismo, a ele que, eventualmente, também já teve contacto com aquela cultura através da literatura. Assim, a atenção à maneira como os discursos políticos e a mensagem mediática e do *marketing* turístico veiculam os produtos culturais e as culturas locais, contribui para que a cultura se imponha em relação ao mercado.

Embora a literatura esteja presa a uma linguagem, em relação à sua transnacionalidade, a tradução e a distribuição oportunizam a sua condição de competitividade em relação às demais expressões artísticas. A interdisciplinaridade é outro fator favorável, quando a interlocução de linguagens faz um texto literário ser re-lido pelo teatro, pelo cinema ou pela telenovela e di-

vulgado pela mídia em esfera mundial (como ocorre mais significativamente com a exportação das novelas brasileiras e mexicanas).

Dessa forma, a ultrapassagem da dicotomia de valor global/local, permite um olhar interativo, que valoriza o local, lançando mão das ferramentas do global, particularmente da mídia. Da perspectiva do comparativismo, a consideração a “uma forte dimensão geográfica e espacial, que se reconheçam os diferentes entrelaçamentos do temporal com o espacial e seus efeitos estéticos” (HUYSSSEN, 2002, p.24) ressalta o trânsito, o hibridismo, a apropriação de sentidos, as sinalizações culturais e suas relações com a história, com o patrimônio, aspectos esses de interesse estético e turístico.

A conciliação do estético com o turismo através da literatura faz ressaltar a importância da cidade como cenário ficcional e como “produção de localidade” (APPADURAI, 1996). O seu espaço ficcional, onde “passeia” o leitor-turista e os produzidos nela e por ela em relação às percepções estéticas e sócio-culturais, no texto ficcional, fazem-na elemento suscitador do efeito (ISER, 1996) e provocador da transformação do **leitor-turista** em **turista-leitor** (SIMÕES, 2002).

O estético é ressaltado pelo **leitor-turista**, quando, no processo da leitura, realiza-se a interação texto-leitor, em relação à “significância de experiências de leitura como parte da motivação do leitor para a ação subsequente” (GUMBRECHT, 1998, p. 34), que o tornará **turista-leitor**. Nesse mister, o foco na cidade é fundamental, exatamente por ela abrigar as culturas, as subjetividades, fomentadoras do trânsito de turistas.

As formas urbanas de cidades (o local), que abrigam bens simbólicos, provocam imaginários transnacionais (o global). O trânsito de turistas promove a transculturação, num enriquecimento mútuo (turista e local). Aspectos das culturas antes vistos pela ótica eurocêntrica - do exótico - agora colocados pela ótica de valorização do **diferente** (BHABHA, 1998) vêm a abrir novas perspectivas ao leitor e levá-lo a redimensionar a própria História (LE GOFF, 1998). Assim, o desvio do foco - agora voltado à memória, à inclusão social, à não hierarquização da cultura, da arte - redesenha o local a ser visitado.

A Literatura funcionará como elemento de sustentabilidade, quando provocadora do fluxo entre as culturas - local e global - e do consumo cultural pelos turistas (globais) que buscam o diferente (local). Isto porque, ao ser lida em âmbito global (considerada a sua divulgação e distribuição), desencadeia a **motivação para** do leitor, que reconstrói a **motivação porque** (GUMBRECHT, 1998, p. 32), consideradas a sua situação histórica e social e assegurando uma visão da cultura não corrompida pelo interesse econômico e utilizando as ferramentas da tecnologia global para informar o leitor sobre a cultura local.

Por isso, neste contexto globalizado, é estratégico lançar mão dos recursos instaurados pela lógica do mercado global, onde a mídia e o *marketing* ocupam lugar singular e, necessariamente, vão atingir a leitores de uma esfera internacional e interferir na sua **motivação para**, como nos resultados da sua ação, quando, depois, ele passa a turista - usufruidor dos bens simbólicos e consumidor das mercadorias.

3. Pós-colonialismo e inter-relações afro-latino-americanas

Considerando aspectos afro-latino-americanos, são focadas algumas inter-relações, tomando como referência a condição pós-colonial (portuguesa e espanhola) dos países que integram a América Latina.

Tendo em conta os laços linguísticos que unem os países da América Latina, tomando a Literatura como base para a discussão, é possível considerar a diferença cultural de cada um desses países como elemento de interesse provocador de ações para o turismo, visando ao desenvolvimento. Em relação a esse laço da língua, na comunidade de países de Língua Portuguesa, é comum a evocação do verso de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a Língua Portuguesa*. Pode-se acrescentar, a esse verso emblemático, o do poeta brasileiro Caetano Veloso: *Flordio Lácio Sambódromo/Lusa América Latina em pó/o que quero o que pode essa língua*. Daí a sugestão de alternativas de interrelações entre os países, potencializando a idéia do laço lingüístico, através da Literatura.

As questões de nacionalismo e de identidade nacional, hoje reconceitualizadas, estão presentes nos vários discursos culturais e nas discussões sobre pós-colonialismo. O descentramento do sujeito, que vem se acentuando na sociedade contemporânea, de modo geral, tem provocado toda uma re-dimensão das identidades, em re-avaliação e mesmo da própria identidade nacional. Naturalmente que tais movimentos e dinâmicas, interferindo no imaginário, tem se manifestado, em especial, através da literatura, dentre outras expressões. Quando Stuart Hall (2000) fala da constante e rápida mudança das sociedades modernas, ele não somente constata as mudanças, mas busca o assunto como argumento para alicerçar a sua discussão sobre identidade cultural, identidade nacional, nacionalismos. Nesse caso, ressalta a diferença como um elemento a ser particularmente observado.

Nos países da América Latina, a condição pós-colonial acentua essas questões. Ressaltadas a hibridização cultural e uma postura de resistência à globalização, temos que a diferença se faz ainda em relação à cultura do ex-colonizador por força da descentralização das identidades. Tal reflexão sustenta-se no entendimento de nação, não mais como uma entidade política, mas enquanto “entidade simbólica”, como um sistema de representação cultural. As culturas nacionais constroem identidades ao produzirem símbolos e sentidos com os quais nos identificamos e que estão contidos nas memórias contadas e nas imagens criadas sobre uma nação.

Se a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, temos que a transição de identidade, ocasionada pelas diferentes interpelações do momento histórico, fortalece o aspecto político da identidade dos povos pós-colonizados. Afastando essas considerações de uma visão hegemônica, a idéia é uma recusa de ver-se como o Outro - conforme observa Kwame Appiah em relação às culturas da África (1997, p. 219). Um abandono da idéia de dependência e submissão - como refere Homi Bhabha quando discute a perspectiva pós-colonial (1998, p. 241).

A diferença, portanto, é o que vai singularizar as diversas nações Sul Americanas. Suas culturas, suas narrativas. Nesse raciocínio, a cultura é aqui entendida no seu sentido largo, que não esbarra na visão clássica (herança de tradições e costumes), mas se alimenta também das vivências; melhor dizendo, que acrescenta vivências à herança. Por isso é que pensar cultura provoca pensar a identidade cultural, composta de múltiplas camadas e entendida como intersecção de múltiplas influências que se moldam por um senso de pertinência. Vale dizer, como observa Homi Bhabha, que

acultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória. Ela é transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural [...], é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento - agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias globais de mídia - tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo (BHABHA, 1998, p. 241).

A partir desse lugar híbrido do valor cultural (transnacional como tradutório) é que, aqui, tem resalto o literário como expressão veiculadora do bem simbólico, que evidencia as inter-relações afro-latino-americanas e suscita o turismo.

Para exemplificação desse raciocínio é destacada a Região Sul-baiana do Brasil e o seu potencial turístico, marcado por uma cultura singular, de excepcionais peculiaridades no panorama sócio-cultural do país. O forte e significativo componente histórico que marca a compreensão da cultura dessa Região é imprescindível para a percepção cultural do seu presente, não só no que diz respeito à sua singularidade nacional de berço do Brasil (considerada a articulação das culturas indígena, branca e negra), como à importância da nação brasileira em quanto expressão em Língua Portuguesa. Portanto, a excepcionalidade cultural dessa Região faz com que se constitua em manancial relevante para as discussões identitárias locais e potencializa como expressão cultural de atração turística nacional e internacional. Tais observações se acrescentam, quando é levada em conta a sua singularidade contextual de região encravada na Mata Atlântica remanescente, num litoral de excepcional beleza. Uma região na qual o meio-ambiente, a cultura, a história constituem-se atração incontestável para o turismo, devido aos aspectos culturais únicos. Nesse singular panorama cultural (propício para as reflexões sobre a cultura produzida na articulação de diferenças culturais), cabe acrescentar e ressaltar a sua rica e inquestionável literatura.

Para citar um exemplo, é sabido que Jorge Amado ultrapassa fronteiras nacionais e ocupa o mundo com sua obra. Os livros *Cacau*, *Terras do Sem-Fim*, *Gabriela Cravo e Canela*, *São Jorge dos Ilhéus*, *Tocaia Grande*, por vieses diferentes, fazem povoar o imaginário de leitores de imagens das terras do Cacau da Bahia, sua cultura, sua gente. Contam ficcionalmente a história da vigorosa nação grapiúna, que habita as terras de São Jorge dos Ilhéus. Valendo-se da sua memória e das vivências do menino grapiúna que foi, Jorge Amado pintou o seu universo, deu perfil e ambientou os seus personagens, fazendo o contraponto com a História da Região.

Puderam os leitores acompanhar as injustiças sociais, a prepotência dos coronéis, a servidão dos trabalhadores rurais, em *Cacau*, em 1932; a conquista feudal (*Terras do Sem-Fim*, 1942), a conquista imperialista dos exportadores (*São Jorge dos Ilhéus*, 1944), a demonstração da força política (*Gabriela, Cravo e Canela*, 1958). Quarenta anos depois, esses mesmos leitores (e outros mais) têm a oportunidade de conhecer outra ótica do acontecido quando, em *Tocaia Grande* (1983), recebem a versão não-oficial da saga do cacau, através da visão daqueles que foram esquecidos, injustiçados – a face obscura (segundo o próprio Jorge Amado), através do olhar de sergipanos, prostitutas, comerciantes, jagunços... Assim, se a obra amadiana tem vários momentos e fases, o seu leitor caminha com elas. Primeiro, sob um foco neo-realista, que concretiza sentidos centrados na problemática social, na relação de classe; depois, atentos ao relato fácil e agradável do contador, a movimentação da cidade de Ilhéus, a sua sociedade, os seus costumes; a seguir, buscando, na obra, o entendimento da cultura, das questões étnicas, da história e formação da nação grapiúna.

Dessa forma é que aquele mesmo leitor que leu os livros produzidos nos anos 30, que se deparou com a época da conquista das terras, da luta de classes (coronel X trabalhador rural), a ação dos jagunços (ajudando os coronéis a enriquecerem pela força da sua ambição), também divertiu-se com as noitadas do Bataclan, deliciouse com os bolinhos da Gabriela, acompanhou as negociações políticas da mudança do porto de Ilhéus, a exportação do cacau, a sua comercialização. Depois, acompanhou a formação dessa civilização grapiúna já por outra ótica, que foca a identidade, reconhece sergipanos, negros e turcos como elementos formadores dessa cultura. Mostra como as classes menos afortunadas contribuíram e enriqueceram o panorama cultural local. Conhecem a história contada por outro viés.

Devido ao alcance da recepção da sua obra, Jorge Amado ganha leitores de múltiplas nacionalidades que, estando em locais os mais diversos, resolvem, um dia visitar a cidade de Ilhéus, apresentada nas páginas dos vários livros da saga cacauzeira.

Esse é um exemplo brasileiro que, certamente, suscitará outros nos vários países da CPLP. E, *mutatis mutandis*, o mesmo raciocínio vale para os países de Língua Espanhola. Daí a reflexão abrangente para a América Latina.

As possíveis estratégias provocadoras de sustentabilidade através do Turismo implicam no desenvolvimento de políticas valorizadoras de ações culturais. Ações podem ser desencadeadas a partir de articulações realizadas de ações locais e de fora para dentro (entre os países). No primeiro caso, ações locais desencadearão programas para a recepção desses turistas, acionando segmentos sociais, através da promoção de formas de sustentabilidade, relacionadas a comércio de artesanato, a visitação de museus e sítios históricos, a formas de divulgação das representações culturais locais, seja através do teatro, da literatura, da arte visual, etc. A fora estratégias mais simples (a comercialização de livros, telas, esculturas, dentre outros), empreendimentos mais ousados – por parte do poder público e investidores privados – poderão ser garantidores da sustentabilidade do turismo. A expressão artística local poderá justificar investimentos em editoras, livrarias, teatro e cinemas. A riqueza natural deverá suscitar propostas de ecoturismo cultural, através de fazendas modelos, de programas de intercâmbio cultural, de parceria entre a comunidade local e poder público, de formas de valorização do litoral, sua fauna e sua flora.

No segundo caso, inter-relações literárias poderão desencadear realizações de trabalhos culturais de divulgação. Para isso, deverão ser celebrados convênios, parcerias e intercâmbios em instituições culturais de países de expressão em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola. A intensificação desses procedimentos poderá contribuir para gerar um turismo cultural sustentável para a América Latina, na medida em que projetos de intercâmbio, por exemplo, promovam a intensidade do fluxo de turistas, turistas esses interessados na história, na literatura, na cultura local: interessados na diferença Latino-americana.

4. Diversidade cultural e desenvolvimento sustentável – por uma política valorizadora dos bens simbólicos da América Latina.

O fenômeno transnacional faz com que cruzamentos de fronteiras operem mudanças nas culturas através dos processos de transculturação. Daí a imprescindibilidade de políticas culturais bem traçadas e respeitadoras dos valores locais, a fim de salvaguardar o bem cultural do consumo depredador. Para isso, torna-se fundamental atentar para a relação entre produtos culturais e definições políticas em esferas locais e nacionais, visando a um foco internacional. Como observa Canclini,

em um processo de integração transnacional, a reivindicação do público não pode ser uma tarefa para ser desenvolvida apenas dentro de cada nação. As macroempresas que reordenaram o mercado de acordo com os princípios de administração global criaram uma espécie de “sociedade civil mundial” de que são protagonistas. Com uma capacidade de decisão muito maior do que a dos partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais de alcance nacional, remodelam o que a ação coordenada dos Estados modernos tinha configurado como *o espaço público*. Fazem-no, contudo, em escala mundial subordinando a ordem social a seus interesses privados. Por isso, conceber o exercício da cidadania somente em nível local ou nacional é o equivalente político de enfrentar a Sony ou a Nestlé com estratégias de varejista (CAN CLINI, 1999, p. 86).

No entanto, o resultado das ações integrativas deverá ser assegurado, por meio da implementação de políticas culturais, em favor da sustentabilidade dos valores regionais.

Os passados históricos, marcados por uma condição análoga aos países pós-colonizados da América Latina e as singularidades de cada nação no que diz respeito às suas respectivas expressões culturais constituem-se elementos que justificam acreditar numa “negociação” do local com o global, “negociação” essa provocadora da comunicação, do trânsito de pessoas, isto é: acionadoras de ações para o turismo. Acresce a isso, a circunstância continental da América Latina – bloco espacial e temporal – que garante a sua favorabilidade para o turismo, por sua história e sua cultura de proximidades e especificidades, que a Literatura revela. Se a Literatura veicula imagens urbanas - paisagens locais, costumes, mitos, danças, comida típica, música – esses bens simbólicos de culturas singulares constituem-se referentes para o leitor de outras culturas, outras cidades.

Enquanto elemento de interação entre a cultura e o turismo, as cidades – que abrigam os patrimônios e povoam o imaginário da ficção – constituem-se o elemento que motiva o trânsito do turista, e é onde ocorre a transculturação (turista/ morador). Movido pelo imaginário ficcionalizado no texto literário, essa clientela específica – o leitor-turista – vai interagir e, simbolicamente, recriar a cidade. Dessa forma, identidades diferentes são observadas por campos de relações do “bloco cultural” (questões de pós-colonização, proximidade espacial, relações temporais), justificando ações conjuntas, fortalecedoras do espaço Latino-americano.

Mecanismos devem ser articulados a fim de que a neutralização das barreiras nacionais seja potencializada favoravelmente às expressões culturais locais, promovendo a ordem econômica e política através da integração e intercâmbio. Isto porque, como é óbvio, nem a comunidade nem o indivíduo podem sustentar, sozinhos, um encaminhamento de tal monta. Se a cultura promove o turismo, ela deve ser preservada através de políticas públicas, definidas em conformidade com as representações sociais, através de planejamento participativo (SIMÕES, 2003). Bem a propósito, ao refletir sobre as relações Sul-Sur no âmbito da Comunidade Cultural do Cone Sul, Tânia Carvalhal (1998, p. 51) ressalta “o valor das articulações no processo de mundialização cultural cuja concretização depende de localização e de enraizamento em práticas cotidianas e culturais”.

Integração e intercâmbio justificam, portanto, um bloco propositor de um turismo intra-continental, valorizador da diferença cultural entre países de culturas próximas, nas quais as fronteiras nacionais ficam ultrapassadas politicamente e dimensionadas em perspectiva cultural. Justificam, ainda, o turismo internacional, quando um mesmo bloco de culturas singulares e plurais apresenta o interesse do conhecimento, que a sua Literatura revela.

A questão é garantir políticas que busquem potencializar as singularidades. A ultrapassagem da concepção de fronteira (do político para simbólico) assegurará pontos de interação entre os povos através do intercâmbio, da migração, da hibridação lingüística, da literatura. Em relação à integração dos povos, vale ressaltar a importância de ações que propiciem a “formação e a vivência das experiências do outro. [...] Daí a importância de toda uma produção cultural específica - colóquios, traduções – e de mecanismos como um mercado comum de livro, feiras, redes de distribuição internacionais, criação de incentivos fiscais, etc – voltados para a difusão ampla do conhecimento mútuo e para a discussão de problemas comuns e da identificação clara das particularidades e das semelhanças.” (CARVALHAL, 1998, p. 52).

Nestes tempos, as políticas de inclusão podem ser interpretadas como indicativas da necessidade de ações culturais para um turismo que vise ao fortalecimento de um bloco cultural latino-americano frente ao mundo. Nesse caso, há a imprescindibilidade de um eficaz processo de integração que considere a região como um espaço de cruzamento de identidades, de mesclas; que reconheça o processo de re-elaboração das identidades (dinâmicas e múltiplas).

É mister que as políticas, inclusive as relacionadas aos *massmedias*, sejam traçadas em consideração da mudança do foco econômico para o cultural, isto é: que seja buscada a priorização da cultura; que seja buscada uma reorientação do mercado especulatório. Melhor dizendo, observar como a apropriação e a reelaboração do consumo cultural pelo turismo são articulados no âmbito regional e os impactos que tais ações provocam nas identidades locais. A evidência do processo de fragmentação de identidades paralelo ao processo de globalização, ainda sinaliza a necessidade de considerar ações de uma perspectiva *sócio comunicacional* de identidade (CANCLINI, 1995), ações essas que contribuam para a sua reformulação, nos espaços sociais, inclusive no espaço *massmediático*.

Se as culturas viajam através da literatura, a informação sobre essa literatura que circula através dos *massmedia* contribuirá para a visão do turista que virá a interagir e intercambiar na comunidade local. Uma política cultural a ser operada pelo bloco latino-americano deverá prever e promover formas de compatibilização entre literatura, arte e comunicação, formas essas divulgadoras da cultura a partir do seu potencial estético, social e culturalmente diversos. Ao mesmo tempo, deverá construir estratégias que contribuam para uma reconstrução da esfera pública em favor da democracia. Nesse sentido, são aqui sinalizados três vetores, conforme desenvolvido em Simões (2003): o **vetor da educação**, que promove a inclusão dos indivíduos, identifica e preserva o patrimônio cultural, considerando o desenvolvimento sustentado; o **vetor da mídia**, que promove a informação e comunicação - na consideração dos fluxos midiáticos mundializados, observação às políticas culturais que atentem às questões locais, de regiões e segmentos sociais excluídos; o **vetor econômico**, que gera emprego e promove a sustentabilidade. Tais vetores deverão ser sustentados em valores democráticos: respeito à diferença cultural, ao direito de oportunidade para todos (transparência), predomínio do valor cultural em relação às exigências do mercado.

Por tal compreensão, a Literatura, enquanto elo estético e simbólico, contribui para que laços tempo-espaciais justifiquem ações de turismo. A política, encaminhada nesse entendimento, assegurará a valorização do estético, a sustentabilidade da cultura e promoverá o desenvolvimento das comunidades.

ABSTRACT

Connections are established between literature and tourism, taking in consideration the esthetics' worth, the culture's sustainability and the communities' development. Initially, the place of Latin America in the new world order is considered; then, the communication between literature and tourism is observed; some African-Latin-American inter-relations are discussed; finally, some considerations are made, seeking, through tourism, a policy that values the Symbolic goods of Latin America.

Keywords: Literature; Culture; Tourism; Sustainability.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Londres: Verso, 1983. 224 p.
- APPADURAI, Arjun. The Production of Locality. In: *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis and London: Minnesota University Press, 1996. p. 178 - 200.
- APPIAH, Kwame. O pós-colonial e o pós-moderno. In: *Na casa de meu pai: a África na filosofia*

- da cultura*. Rio de Janeiro: Contaponto, 1997. 225 p.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 395p.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 290p.
- CARVALHAL, Tânia F. Integração ou Intercâmbio? complexidades das relações sul/sur. In: ANTELO et al (org). *Declínio da arte - ascensão da cultura*. Florinópolis: Letras Contemporâneas e ABRALIC, 1998. p. 47 - 61.
- DOMINGUEZ, Francisco. Democracia e Integración en América Latina. In: LIMA, M. C. (org). *O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 85 - 108.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 102p.
- HUYSEN, Andréas. Literatura e Cultura no contexto global. In: MARQUES, R; VILELA, LH (org). *Valores - arte, mercado, política*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002. p. 15 - 35.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário - Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. 366p.
- LAREDO, Íris Mabel. Globalización - Fragmentación - Regionalización. In: LIMA, M. C. (org). *O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 109 - 118.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998. 158p.
- PATIÑO, Roxana. Identidad, Territorios, Diversidad. Parapensar la integración cultural en el MERCOSUR. In: ANTELO et al (org). *Declínio da arte ascensão da cultura*. Florinópolis: Letras Contemporâneas e ABRALIC, 1998. p. 55 - 62.
- RICHARD, Nelly. Lo Estético (valor, fuerza) en el contexto de la globalización cultural. In: *Mediações - Anais do VIII Congresso Internacional da Abralic*, 2002. 256p.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna - intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, UFER, 1997. 169p.
- _____. Los Estudios culturales y la crítica literaria en la encrucijada valorativa. *Revista de Crítica Cultural*, Santiago, n 15, p. 34 - 41, nov. 1997.
- SIMÕES, M.L. Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Belo Horizonte, n.6, p. 177 - 184. 2002.
- _____, M.L. Netto. O valor cultural da Bahia - perspectivas de política cultural. In: *A Tarde*. Salvador, Caderno 2, p. 6. jan 2003.
- ZAIDAN FILHO, Michel. Globalização e Política. In: LIMA, M. C. (org). *O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 71 - 84.